

Astúrias: através do deserto

Davi Pessoa

(UERJ)

“Para os poucos que ainda frequentam os arquivos, é difícil evitar a impressão de que nossa vida é a confusa resposta a indagações de cuja origem há muito nos esquecemos”.¹ Assim, há um traço singular de reflexão que precisamos nos colocar como tarefa crítica e que não cessa insurgir-se: o esquecimento, como nos aponta Peter Sloterdijk, em *Regras para o parque Humano*, como questão fundamental de nosso tempo, porém que se torna cada vez mais rara:

É cada vez mais raro que os arquivistas desçam até os antigos textos para procurar os primeiros comentários sobre questões modernas. Talvez ocorra de vez em quando que em tais pesquisas nos porões mortos da cultura os documentos há muito não lidos comecem a cintilar, como se, sobre eles, tremulassem raios distantes. Poderá também o porão dos arquivos tornar-se clareira?²

Raúl Antelo, em “O arquivo e o presente”, põe em confronto um duplo fantasma que, por vezes, se impõe durante a leitura de um arquivo: *a ilusão tautológica*, a qual “consiste em julgar, simplesmente, que o texto conservado no arquivo diz o que diz e que nele vemos o que se vê. A ilusão tautológica é uma ilusão de sincronia.”³ E, nesse caso, é apenas rua de mão única (e não ao modo de Benjamin), visto que aquilo que lemos não nos lê. Ou ainda, nessa ilusão vivemos fechados no *logos*, na violência topológica da interpretação, a qual não busca nada para *além de*, pois vive na substancialidade dos fatos ensimesmados. O segundo fantasma: *a crença*. A crença, precisamente, oblitera a angústia que provoca o vazio de significação.

Antelo denomina o leitor dos documentos de um arquivo de *an-arquivista*. Importante compreender a lógica de tal denominação. A questão da autonomia literária, de acordo com Antelo, afundava suas raízes no modelo da biblioteca organizada e hierarquizada, enquanto na pós-autonomia a lógica do arquivo é arbitrária e anárquica. O an-arquivista opera ferramentas para fazer os textos

¹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 56-57.

² *Ibid.*

³ ANTELO, Raúl. “O arquivo e o presente”, In: “Gragoatá”, Niterói, n. 22, 2007, p. 44.

falarem ou balbuciarem, para tentar escapar da armadilha que vê na teoria o procedimento máximo para se falar de algo. Porém, nessa estratégia, o que se vê é a pouca intimidade com a coisa (chame-se esta obra) sobre a qual se fala, ou quando é lida de modo ensimesmado, sem que haja uma reflexão mais aprofundada, para que se possa perceber que nela se encontram gestos que movimentam sua engrenagem. Acompanhemos um desses gestos:

“Guatemala es un desierto” – Contra lo que usted ve, lector; contra lo que han visto cuantos viadores han animado sus pasos por nuestras tierras, Guatemala es un desierto. No se escandalice por lo que decimos. No se sulfure, dicho en términos vulgares. Es un desierto, como lo oye, un desierto. Que no? Aún lo duda usted, lector. Pues hemos de probárselo, y usted concluirá por estar de acuerdo con nosotros. A la prueba; basta darse un paseíto por las tiendas de comercio, y con sorpresa suya, tal vez, ha de ver en muchas tiendas de importadores: lechugas extranjeras! Ayer era el maíz que se traía de fuera. El maíz, nuestro maíz, de lo que fueron hechos los primeros guatemaltecos, según las teogonías quichés. Ciertas circunstancias... Sí, ya sabemos que la excusa es un arte que manejamos a las mil maravillas! La evidencia, sin embargo, es fatal para nuestros optimismos de patriotas crédulos. No solamente el maíz y otros productos importantes: también las lechugas! (...) Oh, las lechugas extranjeras son mejores que las del país! No solamente las lechugas, querido compatriota, todo lo extranjero es mejor, tiene usted razón al pensar así, que es muy guatemalteco, desde lo más sagrado hasta lo más vil. (...) Ahora que ya usted se puso de acuerdo con nosotros, lector, llore con sus lágrimas más hondas el fracaso total de su país. Piense que si desapareciera del mapa, no haría falta, porque es como un desierto, donde no se cultiva ni lo necesario para las necesidades de los que lo habitan. (...) Ah, pero es verdad que vivimos en el desierto! Las tierras que antes de la conquista eran páramos de los más fértiles de América, rivales de los cármenes de Granada, de todo lo más bello que en tierras pueda imaginarse el Amazonas; de pronto, por fenómenos que todavía no hemos estudiado, se secaron, y ahora, calcinadas, no sirven para nada. Las lechugas... No, no continuemos.⁴

O que acabo de ler para vocês foi publicado em 2 de outubro de 1929, em “El Imparcial”, da Guatemala, por Miguel Ángel Asturias. Em 1924, o jovem recém graduado em Direito decide viajar para a Europa. Em Paris, Asturias escreve artigos para “El Imparcial”, o qual havia sido naquele momento fundado por Alejandro Córdova, em 1922. A experiência da escrita semanal para “La Nación” de Buenos Aires, “El Nacional” de Caracas, “ABC” de Madrid, e, também, para o periódico da Guatemala, além de ter sido um meio de sobrevivência importante para o jovem Asturias, foi também uma experiência singular que lhe possibilitou, lá do Velho Continente, confrontar a ditadura de Estrada Cabrera, bem como trazer à tona debates literários e geopolíticos. Os mais de 400 artigos

⁴ ASTURIAS, Miguel Ángel. *París 1924-1933: Periodismo y creación literaria*. Edición crítica; Amos Segala coordinador. 2ª edición. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996, p. 385-386.

enviados de Paris, entre 1924 e 1933, para “El Imparcial” mudam certo paradigma do ensaísmo latino-americano de então, como aquele de Alejo Carpentier e César Vallejo, cujas crônicas recompunham e privilegiavam certa paisagem parisiense. Asturias, por outro lado, decide realizar um desvio para pensar a vida político-social-literário-econômica da Guatemala. No entanto, é importante destacar que a experiência em Paris lhe deu a possibilidade de olhar para seu país a partir de uma perspectiva não limítrofe, não como espaço de fronteira, mas como *limiar* entre culturas, como ponto de contato e contágio entre culturas.

Nos anos 1920, a “belle époque” do periodismo passa por certa crise, porém é neste momento que Asturias acompanha de perto a resistência de jovens escritores, como Carpentier, Mariátegui, Marinello, Quijano, por exemplo. Nomes da geração anterior a de Asturias, como Enrique Gómez Carrillo, falecido em 1927, em Paris, com apenas 54 anos, via em Asturias uma força contrária ao novo periodismo mercantilista, muito focado em informações e reportagens. Nas palavras de Carrillo, Miguel Ángel “pretendeu estabelecer uma ponte entre o periodista e o escritor. Desse modo se ocupou de temas eternos num estilo fugaz”.⁵ Asturias, por sua vez, escrevia:

Como periodista fiz um percurso por toda a Europa, Meio Oriente e Oriente distante... conheci quase o mundo todo e escrevi de todas as partes. Era a época com que se sonhava ser correspondente e poder competir com Don Enrique Gómez Carrillo, que é o grande periodista da Guatemala, porque nasceu periodista, foi periodista e morreu periodista.⁶

Nesse trânsito, como podemos acompanhar através da reflexão de Asturias, as crônicas embaralhavam tempos heterogêneos, lugares e sentimentos díspares, como se quisesse produzir abalos sísmicos nas percepções de seus leitores. E tais cruzamentos, podemos ressaltar, entre estética e política, de suas crônicas, deixaram marcas profundas nos livros *El Señor Presidente* (1943), *Hombres de maíz* (1949) e *Mulata de tal* (1963). Isto é, há uma confluência teórico-ficcional e ficcional-teórica em seus textos, publicados em periódicos e nos livros que acabo de citar.

O movimento espacial e temporal, tanto na vida como nos textos de Asturias, é um gesto político de fundamental importância para deslocar o que se encontra imóvel (pensemos nos longos períodos de ditadura na Guatemala). Nesse

⁵ CARRILLO, Enrique Gómez. *Guatemala, Guatemala*. Editorial José de Pineda Ibarra, Guatemala, 1973, p. 173.

⁶ MARTIN, Gerald. “Asturias y *El Imparcial*: pensamiento y creación literaria”. In: ASTURIAS, Miguel Ángel. *París 1924-1933: Periodismo y creación literaria*, op. cit., 1996, p. 794.

sentido, Gómez Carrillo será um paradigma para Asturias. Parêntese: aqui, entende-se paradigma ao modo do filósofo Giorgio Agamben, a saber: não o modelo que provém de uma dedução, tampouco de uma indução, mas de uma singularidade à outra, portanto, uma força contra o modelo do método de Descartes. Em 1919, Carrillo publica “La vida errante”, que se tornará para toda uma geração o paradigma do auto-exilado:

El mal de andar es de los que más rebeldes se muestran a la eficacia de las psicoterapias, sin duda porque es un mal sagrado, un mal mítico, una herencia terrible de la raza de Aashverus. Padezcámoslo resignados, pues, hermanos errantes, ya que ese es nuestro destino. Mas, por lo menos, aprendamos a gozar de nuestros padecimientos, cultivemos nuestro delirio con amor, hagamos canciones con nuestras penas. ¿Para qué cerrar los ojos tratando de no ver lo que perdemos, cuando todo está dentro de nuestros corazones...? Mejor es embriagarnos de lágrimas. Poco a poco, así, sin hipocresías sentimentales, llegamos a amontonar tantas nostalgias, que nuestro pecho se acostumbra a ellas y las necesita como se necesita el aire. Allá está una torre que ya se desvanece en el espacio..., allá está la mancha verde de un jardín..., allá está una ventana cerrada..., guardemos todo eso para evocarlos más tarde y para poder decir un día: ‘allá, tal vez, habría sido feliz...’.⁷

Essa errância, presente em alguns escritores da América Latina, confronta certas noções de “paisagem”, como aquela que a compreende como ponto de vista relativo (uma percepção subjetiva distanciada), ou aquela que provém do Renascimento, onde a paisagem é enquadrada, vivendo no espaço limítrofe da moldura do quadro. Éric Dardel, geógrafo francês, autor de *L’Homme et la Terre*, argumentava que “a paisagem não é, na sua essência, feita para ser olhada, mas sim inserção do homem no mundo, lugar de luta pela vida, manifestação do seu ser com os outros”. Assim, Asturias não apenas recompunha uma paisagem, mas, muito mais, inseria-se nela para romper com as delimitações da moldura do quadro.

Durante uma entrevista com Sara Monzón Basterrechea, Asturias destacava a importância de seu trabalho como jornalista:

De toda esta labor periodística he conservado elementos indispensables para mi labor literaria. Elementos que me permiten, en primero lugar, estar en contacto con los hechos de la realidad diversa, con los sucesos mismos, con la vida. Esto es lo que un periodista debe saber, aprovechar en su trabajo diario, y esto es lo que tanto me ha servido a la hora de escribir sobre la tierra y el hombre.⁸

⁷ CARRILLO, Enrique Gómez. *La vida errante*. Renacimiento: Madrid, 1923.

⁸ In: ASTURIAS, Miguel Ángel. *París 1924-1933: Periodismo y creación literaria*, op. cit., 1996, p. 800.

O crítico Raúl Antelo, no ensaio “Asturias: el flâneur dialoga”, relembra a crônica “Andarines urbanos”, publicada em “El Imparcial”, em 1971, na qual Asturias ressalta que o flâneur não é apenas um contemplador da paisagem, mas ele dialoga com a cidade, com o vento e com ele próprio. Antelo aponta que:

El *flâneur* contemporáneo, en cambio, se reconoce en los pasos ajenos, que son siempre pasos perdidos. Por eso, en consecuencia de este contacto entre el poeta y el andarían cultural, y contrariamente a lo que podría suponerse a primera vista, es decir, que el poeta aún mantenga incólume su palabra rectora, presentándose, con toda legitimidad, como un pedagogo de las masas, Asturias, ese *flâneur* tardío, sabe, aunque por cierto también olvide, que lo sublime moderno ya no le propone una ecuación equivalente entre ser y sentido sino que, al contrario, le permite y estimula explorar las asimetrías, discontinuidades e incongruencias entre palabras y objetos. Ese *flâneur* desengañado realiza entonces triple operación enunciativa: asume un sistema de circulación ya implantado, realiza materialmente en él su propio espacio discursivo y ensaya por último articulaciones específicas que, como en el caso del lenguaje, podrán ser sustituciones o combinaciones, metáforas o metonimias.⁹

Portanto, o que Raúl Antelo destaca é o próprio movimento do *flâneur*, que transpõe fronteiras e dialoga através de um discurso polifônico proliferante, contra a imagem dos “viajantes em viagem” - mais que nunca atuais com o turismo sem experiência de nossos dias - que apenas se sentem bem em seu país, com seus costumes, com suas comidas, e deixam de perceber e viver a multiplicidade que se coloca em movimento durante a viagem. Ou ainda, como Asturias escreve na crônica “Viajeros de viaje”, publicada em 9 de novembro de 1929: “A diestra y siniestra, este viajero de viaje hace tabla banca de todo lo que existe de admirable en el mundo. La aldea en el pecho y la carta postal en las retinas, no le dejan sentir la onda resonadora del mar en el fondo del caracol, ni ver los matices luminosos de la realidad múltiple que le rodea”.¹⁰

A França – e em especial Paris – foi para Asturias não um lugar de chegada, mas um lugar de onde podia percorrer muitos caminhos em direção a diversas culturas. Ainda poderíamos dizer: mais que a capital da civilização europeia, Asturias via em Paris um ponto de ebulição importantíssimo da cultura latino-americana. Nesse sentido, as crônicas publicadas em “El Imparcial”, durante os anos 1924-33, são verdadeiras rapsódias, com linhas harmônicas literárias e

⁹ ANTELO, Raúl. “Asturias: el flâneur dialoga. 1899-1999”, In: Miguel Ángel Asturias. *Nanterre*: ALLCA XX/Ediciones Unesco, 1999, v. , p. 324-335.

¹⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel. *París 1924-1933: Periodismo y creación literaria*. Edición crítica; Amos Segala coordinador. 2ª edición, *op. cit.*, 1996, p. 400.

político-sociais. Asturias, ali em Paris, se aproxima também dos estudos de antropologia. Chega a Paris, em 14 de julho de 1924, e em setembro do mesmo ano decide viver ali, enquanto, na Guatemala, falecia o ditador Estrada Cabrera, no dia 24 de setembro. Numa entrevista, Asturias diz: “El catorce de julio de mil novecientos veinticuatro me fui a París a ver cómo eran las fiestas. Me encontré en París a muchos compatriotas y abandoné la idea de mi padre de que debía hacer algún curso de economía en Londres. En París me inscribí en la Sorbona, en los cursos de Mitos y religiones de la América”.¹¹ Asturias segue os cursos de Georges Raynaud, diretor dos Estudos sobre as Religiões da América Pré-colombiana, na Escola de Altos Estudos de Paris. Dois anos depois, ao lado de González de Mendoza, começa a traduzir para o espanhol o *Popol Vuh*, a partir da versão francesa de Georges Raynaud. Em maio publica o conto “La venganza del indio”. Importante ressaltar, aqui, que ainda em 1923, Asturias escreve a tese “El problema social del indio”, que lhe rendeu o prêmio máximo universitário da época, o Prêmio Gálvez. Em 1927, publica a versão do *Popol Vuh* com o título *Los dioses, los héroes y los hombres de Guatemala antigua o El libro del consejo, Popul Vuh de los indios quiches* (Editorial París-América). Em 1928, também traduz, sempre em companhia de González, a partir da versão francesa inédita de Raynaud, o livro *Anales de los Xahil de los indios cackchiqueles*. Assim, Asturias mergulha cada vez mais nos estudos da pré-história dos maias (passado) em direção à política de seu presente. Em 1930, publica suas *Leyendas de Guatemala* (Paul Valéry escreve ao tradutor muito surpreso pela leitura de tais lendas), e todo este percurso, aqui evidenciado, lhe possibilita uma maior compreensão do conceito de cultura em sentido antropológico. Gerald Martin, professor da Universidade de Pittsburgh e organizador da edição crítica de *El Señor Presidente*, pela Colección Archivos (2000), escreve no ensaio “Pensamiento y creación literaria”:

El lector que vaya a una novela de Asturias en busca de una colección completa de los pequeños detalles psicológicos que componen la vida diaria de los estratos burgueses o populares de Guatemala, se sentirá inevitablemente defraudado. Asturias persigue siempre la tipología colectiva, pero la sorprendente complejidad, totalidad e materialidad de sus producciones literarias deriva, no de una elaboración pormenorizada de una sola perspectiva sobre sus personajes, sino de la pluridimensionalidad o sobredeterminación psicológica, sociológica y antropológica – es decir, ‘mítica’ e ‘histórica’ a la vez – de cada una de sus creaciones humanas.¹²

¹¹ ASTURIAS, Miguel Ángel. *El Señor Presidente*. Edición crítica, Gerald Martin, 1ª edición Madrid; Barcelona, La Habana; Lisboa; París, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José: ALLCA XX, 2000, p. 495.

¹² ASTURIAS, Miguel Ángel. *París 1924-1933: Periodismo y creación literaria*. Edición crítica; Amos Segala coordinador. 2ª edición, *op. cit.*, 1996, p. 822.

Há uma confluência muito singular no pensamento de Asturias no que diz respeito aos estudos das culturas indígenas: rastros do pensamento de Marx e Freud. Através destes pensadores, Asturias percebe que o “suposto” atraso característico dos países do Terceiro Mundo não se deve a uma inferioridade racial inerente a eles, mas ao condicionamento histórico e cultural operante em tais países, que se tornam condicionados e submetidos à ideologia imperialista norte-americana. Asturias, assim, começava a ler a contrapelo a imagem da terra habitada, no presente, por crioulos, ladinos (mestiços) e estrangeiros, com aquela terra do passado habitada por povos maias. Na crônica “Sistema educacional nocivo al país” (1927), Asturias diz que os índios se converteram “en la clase que forma el verdadero pueblo de Guatemala, el explotado por nacionales y extranjeros, el único que presta servicio militar, el que muere en las guerras”.¹³ Em outra crônica, “Ojo Nuevo” (1929), lemos: “Los indios curvados, miserables, palúdicos y tristes, con su sudor contribuían, en las tierras que al disolverse las comunidades les habían arrebatado, a mantener el boato y la ostentación del extranjero”.¹⁴ Desse modo, a tarefa crítica e política, que nos é proposta por Asturias, põe em contato e contágio os índios que compõem *Hombres de maíz* com os trabalhadores rurais e operários urbanos da *Trilogía bananera*. Na crônica “La nacionalización de las tierras debe preocupar a los guatemaltecos” (1928), Asturias argumenta que os “agricultores nacionales son los indios y no, como se cree, los propietarios de fincas que en Europa viven y gastan el dinero de las cosechas (...). El pequeño agricultor, y ojalá lo fueran todos, es el camino de salvación de Guatemala”.¹⁵

Todas essas experiências prepararam a publicação de *El Señor Presidente*, pela Editorial Costa-Amic, no México, 14 anos depois de terminado (ele a havia terminado em 1933). Trata-se, como ele mesmo diz numa entrevista, sua obra mais íntima, também por outro motivo: ele, em 1949, se encontra em Buenos Aires, e ali conhece Blanca Mora, na casa do escritor Oliverio Girondo, e naquele momento ela estava preparando uma tese sobre *El Señor Presidente*. Em 1952, ganha sua versão francesa e obtém o Prêmio Internacional do Clube do Livro Francês; 10 anos depois, recebe o Prêmio da William Faulkner Foundation pela tradução ao inglês de sua obra mais famosa: *The President*. Interessante perceber, no caso da tradução inglesa, a supressão do termo *Señor* do título, com destaque em maiúscula, no qual há a marca de uma ironia deliberada. Todo o sintagma é de fundamental importância, como bem destaca Ángel Rama,

¹³ Ibidem, p. 152-153.

¹⁴ Ibidem, p. 362.

¹⁵ Ibidem, p. 258-259.

em “Un arquetipo latinoamericano: el dictador en la literatura” (1976, em *Los dictadores latinoamericanos*): “*El Señor Presidente* es un punto de partida de obligada mención, por lo que implica de intento de abordar la realidad latinoamericana presente a través de una figura clave que podría procurarnos la comprensión del conjunto social”.¹⁶ *El Señor Presidente* confronta um período longo de ditadura na Guatemala, como sabemos, Manuel Estrada Cabrera toma o poder em 1898, um ano antes do nascimento de Asturias, e mantém seu regime até 1920, quando Asturias já era um jovem estudante de direito na Universidade de San Carlos. O ponto de partida da escritura se encontra no conto “Los mendigos políticos”, em 1922, logo após a queda do regime de Cabrera, e continua até 1933, quando já se insurge no poder outro ditador, Jorge Ubico. Assim, compreendemos melhor o hiato para sua publicação, ocorrida apenas em 1946. Na obra, portanto, há o choque entre realidades distintas, entre a cidade da Luz e a cidade das Trevas, progresso e atraso, ou como Geral Martin destaca em “El Señor Presidente: una lectura contextual”:

Asturias había pasado el período entero de sus primeros veintiún años formativos (1899-1920) en un país que vivía a la sombra del régimen dictatorial de Estrada Cabrera, de manera que su novela, en la que cada pensamiento y cada acción tienen al Dictador-Mito como marco contextual o punto de referencia, refleja, en una forma muy concreta, los horizontes reales de su infancia y adolescencia. Desde aquella oscuridad, y desde aquel encarcelamiento (no solamente la dictadura: también el tradicionalismo hispánico, el provincialismo colonial, el catolicismo y la familia), salió el joven Asturias a hacer su aprendizaje en el siglo XX (veinte) en una ciudad que ofrecía, posiblemente, la confluencia más extraordinaria de ideas, escuelas y personalidades jamás reunidas en un lugar de Occidente desde días del Renacimiento.¹⁷

Porém, nada disso teria sido tão rico se não houvesse existido a confluência entre paisagens díspares, sem transcendência. Ou como diria Furio Jesi, mitólogo italiano: “O mito é desprovido de toda transcendência, é um operar por palavras ou por imagens”.¹⁸ Portanto, o mito é uma ação através de palavras e imagens. E a ação, ao longo de toda a vida, de Miguel Ángel Asturias, recebedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1967, por seus “logros literarios vivos”, para a manutenção da democracia se fez sempre necessária, pois os ditadores nos querem circundados de desertos, e “la lucha, pues, continúa. Seguimos de pie; los de ayer somos los de hoy. Como en las pinturas revolucionarias de Diego

¹⁶ RAMA, Ángel. “Un arquetipo latinoamericano: el dictador en la literatura”. In: ASTURIAS, Miguel Ángel. *El Señor Presidente*. Edición crítica, Geral Martin, 1ª edición Madrid; Barcelona, La Habana; Lisboa; París, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala, San José: ALLCA XX, 2000, p. 868-869.

¹⁷ Ibidem, p. 937.

¹⁸ JESI, Furio. “Mito e non conoscere”, in: *Riga*, n. 31, organizada por Marco Belpoliti e Enrico Manera. Milano: Marcos y Marcos, 2010, p. 92.

Rivera, estamos juntos, y en el cielo son una promesa de gloria las estrellas”. Asturias, portanto, parecia ter a consciência de que a crença no arquivo é desativada a partir do gesto de mobilidade que o próprio an-arquivista se dispõe a realizar.